

RODRIGUES, José Rafael

Telões [Vila Pouca de Aguiar], 1861-1939

José Joaquim Rafael Rodrigues nasceu em Telões, Vila Pouca de Aguiar, no dia 5 de agosto de 1861. Desde muito novo, envolvido no trabalho do campo, procurou também as inovações da época, automatizando o moinho da família e iluminando até a sua casa graças à utilização de pilhas de Volta. Foi também entusiasta da fotografia, chegando até nós vários registos captados no início do século XX. Professor desde os 18 anos, em Tresminas e Telões, sofreu doença súbita em 1887, talvez motivo suficiente para dar entrada no Seminário da Arquidiocese de Braga, onde concluiu o curso de Teologia, em 1889. O gosto pela História local e pela Arqueologia manifestava-se através das constantes deslocações ao Castelo de Aguiar e, desde 1894 (data em que assume a paróquia de Soutelo), através de investigações efectuadas nas antas do planalto do Alvão.

Devido ao iminente risco de destruição desses monumentos, o Padre José Rafael Rodrigues desafiou na época o professor de Ciências Naturais no Colégio de S. Joaquim (em Chaves), Padre José Isidro Brenha (1867-1942), para iniciarem explorações arqueológicas no local. Registadas num “caderno de campo”, com o título *Archeologia TransMontana – Primeiras explorações Archeologicas no Concelho de Villa Pouca d’Aguir pelos P.es Jose Raphael e Brenha. 1894 e 95 e 96 e 97*, estes trabalhos começaram no dia 20 de dezembro de 1894 (Rodrigues, 1895a, 346; Brenha, 1903, 691). Foi na mencionada Serra do Alvão, sobretudo nas explorações realizadas em Chã das Arcas, que encontraram um “enigmá-

tico mobiliário funerário”, parte dele noticiado em 1896 por Rafael Rodrigues no artigo “Mais um passo na arqueologia” (Rodrigues, 1896). José Leite de Vasconcelos (1858-1941) registou igualmente a importância deste espólio na obra *Religiões da Lusitânia*, destacando que os objetos encontrados pelos padres transmontanos constituíam “uma das poucas representações zoológicas da nossa arte neolítica” (Vasconcelos, 1897, 342-343). Conhecemos com maior detalhe a coleção de objetos encontrados na Serra do Alvão através da revista *Portugália*, onde a totalidade dos objectos encontrados é descrita por José Isidro Brenha (Brenha, 1903, 691-706). Esta coleção suscitou também o artigo de Ricardo Severo “*Commentario* ao espólio dos Dolmens do Concelho de Villa Pouca d’Aguir” (Severo, 1903, 707-750).

A coleção arqueológica encontrada em Chã das Arcas gerou discussão sobre a sua autenticidade e foi, ao longo das décadas seguintes, valorizada ou desafamada por alguns autores. Mendes Correia (1888-1960), que defendeu a autenticidade dos objetos do Alvão (Correia, 1928), utilizou esta coleção para defender o superior nível cultural das populações construtoras dos monumentos megalíticos (Fabião, 1996), a quem se atribuía o primeiro alfabeto, de origem ocidental, depois difundido para o Leste. Os polémicos objetos descobertos pelos Padres Brenha e Rodrigues adquiriram posteriormente nova projeção com o aparecimento de achados semelhantes em Glozel (França), em 1924.

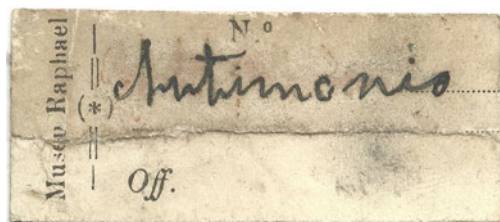


FIG. 1 Etiqueta do Museu Raphael; legenda de amostra de Antimónio, c. 1900 © João Ribeiro da Silva



FIG. 2 Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real, 2017 © João Ribeiro da Silva

O Padre José Rafael Rodrigues preservava parte destes materiais no designado Museu Raphael. Esse seu museu particular estava instalado na sua residência, uma sala com 25m², onde apresentava os vários interesses científicos que alimentava através do colecionismo e da investigação. Intercalados com o mobiliário de uso pessoal, nesse espaço exibiam-se animais emalhados – fauna autóctone e aves –, carapaças de tartaruga, peles de cobra, uma enorme mandíbula de baleia, fósseis, amostras de rochas, minerais e também metais preciosos organizados em pequenas caixas e acondicionados com algodão. No seu museu tinha representada a “genealogia dos habitantes primitivos” do perímetro do concelho de Vila Pouca de Aguiar, desde os tempos pré-históricos até aos romanos, os árabes e os portugueses (Rodrigues, 1895b).

Alguns infortúnios pessoais levaram, contudo, José Rafael Rodrigues a desfazer-se de parte da sua coleção arqueológica. Além dos objetos diretamente oferecidos ao Museu Nacional de Arqueologia, esta instituição possui igualmente uma coleção adquirida ao padre transmontano. Rafael Rodrigues propôs, em 1896, a venda dos objetos arqueológicos encontrados na Serra do Alvão ao então designado Museu Etnográfico Português. Esta decisão e a proposta de venda estão registadas na correspondência que dirigiu ao seu diretor em dezembro de 1896 (MNA).



FIG. 3 Padre José Rafael Rodrigues, Dezembro de 1904 (Fotografia de espólio familiar) © António Rodrigues

Para esse efeito, enviou o *Catálogo dos objectos de Archeologia que possui o museu de P.e José Raphael Rodrigues de Tellões e Soutello, Vila Pouca de Aguiar*, um manuscrito com a descrição de 49 objetos e outros não discriminados, relatados como “Objectos Dispersos” (Pereira, 2017, 346-347). Essa coleção incluía 40 “Objectos encontrados nas Antas de Carrazedo do Alvão” e nove “Objectos Romanos e preromanos (e outros) Objectos diversos de varia procedencia e idade”. Outros objetos arqueológicos que pertenceram a José Rafael Rodrigues encontram-se atualmente no Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real, integrados na Exposição Permanente de Arqueologia ou nas reservas – uma das pedras com “alfabetiformes”, outra com representações zoomórficas, machados de pedra, um vaso cerâmico e respetiva base em granito, amostras de rochas e minerais e modelos em gesso de objetos entretanto alienados, entre outros.

Além da coleção arqueológica que formou, o P. Rafael Rodrigues legou-nos também interessantes artigos publicados em jornais como *A Vida Moderna* (1895-1896), em revistas como *O Archeologo Português* e outros documentos manuscritos que revelam a sua paixão pela história e pela arqueologia: *Castelo de Aguiar e freguesia de Telões de Villa Pouca d'Aguiar e Apontamentos historicos e authenticos de Villa Pouca d'Aguiar e monumentos antigos do concelho de Villa Pouca d'Aguiar especialmente pertencentes as freguesias de Tellões, Soutello e Tres Minas do mesmo concelho – 1885 a 1890 e seguintes* – atualmente à guarda do Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real, juntamente com recortes de artigos seus em jornais da época, meticulosamente arquivados.

BIBLIOGRAFIA

- BRENHA, José Isidro. s.d. “Dolmens ou antas no concelho de Vila Pouca de Aguiar (Traz-os-Montes)”. *Portugália: materiais para o estudo do povo português*. I (4): 691-706.
- CORREIA, A. A. Mendes, 1928. “L'autenticité de l'Alvão. Réponse à M. Dussand”. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 4 (1): 1-7.
- FABIÃO, Carlos. 1996. “Archaeology and nationalism: the Portuguese case”. M. Díaz- Andreu; T. Champion (Eds.). *Nationalism and Archaeology in Europe*. London: UCL Press: 90-107.
- PEREIRA, Elisabete. 2017. *Actores, coleções e objectos: colecionismo arqueológico e redes de circulação do conhecimento – Portugal, 1850-1930*. Tese de Doutoramento em História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora.
- RODRIGUES, José Rafael. 1895a. “Dolmens ou Antas de Villa Pouca de Aguiar”. *O Archeologo Português*. 1: 36-37; 346-352.
- RODRIGUES, José Rafael. 1895b. “Archeologia transmontana: Villa Pouca d'Aguiar VIII”. *A Vida Moderna*, 6 jun. 1895.
- RODRIGUES, José Rafael. 1896. “Mais um passo na arqueologia”. *A Vida Moderna*, 5 mar. 1896.
- SEVERO, Ricardo. 1903. “Commentario ao espólio dos Dolmens do Concelho de Villa Pouca d'Aguiar”. *Portugália: materiais para o estudo do povo português*. I (4): 707-750.
- SILVA, João Ribeiro da. 2013. “Museu Raphael: abordagem prévia”. *Texto inédito*. Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real.
- VASCONCELOS, José Leite de. 1897. *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. Vol. I.

Arquivos

Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. *Epistolário de JLV*: cota 2944.

[E.S. P.; J.R.S.]

ELISABETE J. SANTOS PEREIRA é investigadora integrada doutorada do Instituto de História Contemporânea (IHC-FCSH – Univ. Nova de Lisboa), onde integra o Grupo Ciência, estudos de História, Filosofia e Cultura Científica (CEH-FCi – Univ. Évora). Doutorada em História e Filosofia da Ciência – especialidade em Museologia, pela Universidade de Évora, defendeu a tese *Actores, Coleções e Objectos: Colecionismo Arqueológico e redes de Circulação do Conhecimento – Portugal, 1850-1930* (2017), realizada no âmbito de uma Bolsa de Investigação da FCT e publicada na *Coleção Estudos de Museus (Caleidoscópio/DGPC, 2018)*. Concluiu na mesma Universidade o Mestrado em Estudos Históricos Europeus (2010) e a Licenciatura em História, variante Património Cultural (2002). Entre 2001 e 2017 foi Técnica Superior e Coordenadora da Fundação Arquivo Paes Teles (Ervedal, Alto Alentejo) onde organizou as coleções patrimoniais da instituição, promoveu exposições, publicações, ações de valorização dos acervos históricos e atividades de dinamização cultural local.

JOÃO RIBEIRO DA SILVA licenciado em Ciências Históricas (Ramo Científico), pela Universidade Portualense Infante D. Henrique, pós-graduado em Gestão Estratégica do Património na Administração Pública e Autárquica (IPPAR/ISPGAYA) e mestre em Museologia e Património Cultural (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Técnico superior da Câmara Municipal de Vila Real, diretor do Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real (2002-2018) e do Museu da Vila Velha (2007-2018), foi coordenador-adjunto dos Serviços de Cultura da Câmara Municipal de Vila Real, coordenador da equipa responsável pela inscrição do “Processo de Confecção da Louça Preta de Bisalhães” no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial e na Lista de Património Cultural Imaterial que Necessita de Salvaguarda Urgente da UNESCO, e coordenador-adjunto de Vila Real Capital da Cultura do Eixo Atlântico. Chefe da Divisão de Promoção e Dinamização Cultural da Direção Regional de Cultura do Norte, desde abril de 2018.